

## International Migration: The Human Face of Globalisation

*Summary in Portuguese*

### Migração Internacional: A Face Humana da Globalização

*Sumário em Português*

- Tendo como referência a singular experiência da OCDE, este livro vai para além da retórica para observar as realidades da actual migração internacional: De onde vêm os imigrantes e para onde vão? Como gerem os governos a imigração? Qual a situação dos imigrantes na educação e na força de trabalho? E a imigração ajuda – ou trava – os países em vias de desenvolvimento?
- No mundo inteiro, aproximadamente 190 milhões de pessoas vivem fora do país onde nasceram. Esses imigrantes trazem energia, empreendedorismo e ideias frescas para as nossas sociedades. Mas existem desvantagens: jovens imigrantes que não têm êxito nos estudos, adultos que não encontram trabalho e, obviamente, a imigração ilegal. Tais desafios podem fazer da imigração um pára-raios político e um tema de furioso debate.

São poucas as temáticas que suscitam controvérsia como a suscita a migração internacional, em parte porque este tema abrange muitas outras questões – economia, demografia, política, segurança nacional, cultura, língua e mesmo a religião. Essa combinação apenas aumenta a complexidade da elaboração de políticas que maximizam os benefícios da imigração para os países onde os imigrantes se estabelecem, para os países que deixam para trás e para os próprios imigrantes.

É essencial ultrapassar estas dificuldades. No entanto, em grande parte porque a imigração é uma constante da História Humana, as pessoas sempre procuraram novas e melhores terras e irão continuar a fazê-lo. Para além disso, muitos países irão precisar de atrair imigrantes nos próximos anos, uma vez que têm que fazer face ao envelhecimento da população e procuram preencher os fossos da sua força de trabalho. De igual modo, os países que contam com grandes comunidades de imigrantes irão precisar de encontrar formas de melhorar os antecedentes dos imigrantes em áreas como a educação e emprego. Tudo isto constitui um desafio especial para os países da zona da OCDE: Desde meados dos anos 70, a quota de imigrantes nas suas populações quase duplicou para cerca de 8.3%; em contraste, a quota em países menos desenvolvidos é muito mais reduzida.

## Números e tendências

Apenas menos de 3% da população mundial, ou cerca de 190 milhões de pessoas, vive fora do país em que nasceu. Este número pode parecer baixo, mas como os imigrantes tendem a deslocar-se para um número relativamente restrito de destinos, podem representar fatias bastante grandes da população dentro de cada país. Na zona da OCDE, representam mais de 23% da população na Austrália e Suíça, mas apenas cerca de 3% na Finlândia e Hungria.

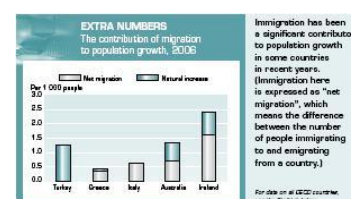
Em geral, a imigração é uma história de movimento de pessoas para países que são relativamente mais ricos (mas não necessariamente “ricos”) que os seus. Tal significa que assim como há pessoas que partem de países em vias de desenvolvimento para países desenvolvidos, um número substancial imigra igualmente *entre* países em desenvolvimento. Utilizando a terminologia “norte” para representar o mundo desenvolvido e “sul” para o mundo em vias de desenvolvimento, podemos afirmar que cerca de um terço dos imigrantes a nível mundial viaja do norte para o norte, outro terço viaja do sul para o norte e o último terço viaja do sul para o sul.

## Gerir a imigração

A natureza da imigração varia muito de país para país. Nalguns países, como os Estados Unidos e França, muitos dos que imigram legalmente fazem-no por razões de ordem familiar – ou vão juntar-se a

### Números extra

#### A contribuição da migração



parentes próximos que já vivem nesses países ou vão iniciar a vida de casados. Noutros, como a Suíça, a maioria dos imigrantes viaja para estes países porque têm direito de aí trabalhar e viver. Existem outras diferenças: nos tradicionais “países de estabelecimento”, como a Austrália, Canadá e Estados Unidos, a maioria dos imigrantes pretende estabelecer-se de forma permanente. Em contraste, numa zona de circulação livre de múltiplos países como a União Europeia, a imigração é mais susceptível de ser temporária.

Todos estes factores, bem como as necessidades dos países de trabalhadores altamente qualificados e com baixa qualificação, afectam a forma como os governos procuram gerir a imigração. No entanto, é importante salientar que muita imigração não é directamente controlada pelos governos. Em muitos casos, as pessoas possuem efectivamente o direito de se estabelecerem no estrangeiro, talvez porque o país reconhece um direito ao reagrupamento familiar, ou porque se comprometeu a acolher um certo número de requerentes de asilo ou ainda porque se encontra numa zona de livre circulação. E existe o fenómeno de imigração irregular – ou “ilegal” – que é uma questão controversa em muitos países e que tem tido tendência a fomentar a antipatia pública, mesmo no que respeita à imigração legal.

De facto, nos últimos anos, a existência de imigração ilegal e o fracasso observado dos imigrantes em se integrarem de forma bem sucedida – especialmente nalguns países europeus – ajudaram a conduzir uma tendência em muitos países da OCDE para tornar a imigração tradicional mais difícil, especialmente no que respeita à imigração de ordem familiar. Existe igualmente uma nova ênfase no que concerne a incentivar os imigrantes para que estes tenham um maior papel na gestão da sua própria integração. Difundem-se cursos de línguas, tal como programas de informação que fornecem conselhos práticos e descrevem os sistemas administrativos do país e as formalidades a serem preenchidas. O outro lado deste tipo de programas é que é provável que, cada vez mais, seja pedido aos imigrantes para demonstrem que possuem o conhecimento e as capacidades necessárias para viverem nos seus novos países. Simultaneamente, há alguns sinais de uma mudança para as designadas políticas de imigração “pro-activas” que têm como objectivo incentivar os imigrantes qualificados a preencherem fossos específicos da força de trabalho, especialmente em áreas como a tecnologia de informação, medicina e bioengenharia.

## Migração e educação

A educação tem um papel-chave na ajuda aos jovens imigrantes a viver a maior parte das suas vidas nos novos países. Bem como na ajuda da aprendizagem da língua local e ao lhes proporcionar algumas das capacidades e competências de que precisarão ao longo das suas vidas e proporcionar igualmente pontes sociais e culturais com as comunidades nativas. No entanto, até que ponto a educação deveria incentivar os jovens imigrantes a “integrarem-se” culturalmente é uma questão controversa em muitos países e é calorosamente debatida.

Em termos académicos, qual é o desempenho dos jovens imigrantes na educação? O programa PISA da OCDE de avaliação de estudantes fornece algumas ideias interessantes. Em três dos tradicionais “países de estabelecimento” – Austrália, Canadá e Nova Zelândia – os imigrantes estudantes tiveram um desempenho equivalente ao dos estudantes nativos na ronda de avaliações do PISA de 2006. Num certo número de países, mais particularmente na Áustria, Bélgica, Dinamarca, França, Alemanha, Países Baixos e Suécia, tiveram visivelmente um desempenho inferior. Na Dinamarca, apenas cerca de 1% dos imigrantes de segunda geração teve um desempenho excelente, contra 7% para os nativos.

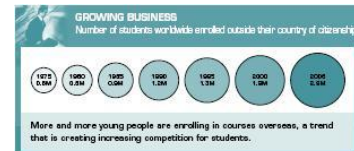
Que factores explicam estas variações? Antes de responder a esta pergunta, é importante indicar que estes números representam médias. Tal como as crianças nativas, os imigrantes pertencem a diversos níveis, e mesmo em países onde a média de crianças imigrantes se encontra no lado inferior, existem muitas crianças imigrantes que apresentam um bom desempenho escolar. Em geral, o desempenho escolar das crianças imigrantes é determinado pelos seus antecedentes familiares, capacidades linguísticas e capacidade do sistema de ensino local para apoiar os estudantes não nativos. As políticas de admissão dos países onde se estabelecem podem igualmente ser importantes. Nos países que mais dependem de sistemas de selecção para a admissão de imigrantes, como é o caso da Austrália, é provável que os imigrantes tenham uma melhor educação e melhor situação que noutros países, e tal é susceptível de ser reflectido num mais forte desempenho educacional dos seus filhos.

O que podem fazer os sistemas de ensino para ajudar os jovens imigrantes a alcançar o seu potencial? Os esforços podem começar cedo nos cuidados e educação pré-escolares, que podem tirar partido das capacidades excepcionais para aprender línguas que as crianças de tenra idade possuem, para lhes proporcionar uma vantagem na aquisição da língua local. Os jardins-de-infância que combinam educação e cuidados podem igualmente fornecer importantes benefícios às crianças de muito tenra idade provenientes de famílias pobres e que se encontram numa fase crucial do seu desenvolvimento.

Mais tarde, as escolas podem apoiar as crianças imigrantes com aulas preparatórias especiais, embora exista um grande debate sobre a

### Negócios crescentes

Número de estudantes em todo o mundo matriculados for a do seu país de origem



continuidade destas aulas antes de as crianças entrarem no sistema de ensino regular. Da mesma forma, embora haja pouca controvérsia sobre os benefícios de colocar rapidamente as crianças imigrantes ao nível da língua local, verifica-se menos consenso no que respeita à forma como tal deveria ser feito. Por exemplo, nalguns países as crianças imigrantes podem enveredar por um programa intensivo de aprendizagem de língua relativamente curto e separado antes de serem transferidas para o sistema de ensino regular. Noutros, as crianças imigrantes podem frequentar as aulas normais paralelamente a aulas de língua adicionais.

Assim como os imigrantes na educação, vale igualmente a pena considerar o crescente fenómeno da imigração *para* estudar. Desde meados dos anos 70, o número de estudantes matriculados fora do seu país de origem mais que quadruplicou para pouco mais de 2.7 milhões. Em muitos países, os governos e as faculdades gostariam de ver este número ainda mais elevado. Porquê? Em primeiro lugar, oferecer vagas a estudantes estrangeiros pode ajudar na promoção da compreensão mútua internacional, tanto entre países como no seio das actuais sociedades cada vez mais multiculturais. Em Segundo lugar, os estudantes estrangeiros representam grandes negócios. E em terceiro lugar, estudar no estrangeiro pode ser apenas o primeiro passo para uma estadia mais longa no país de acolhimento, que poderá ter um papel, a mais longo prazo, no preenchimento da necessidade de imigrantes qualificados.

## Migração e trabalho

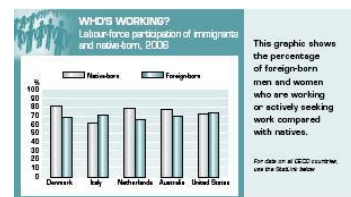
Em geral, os governos desejam que os imigrantes trabalhem. Por vezes tal é orientado por necessidades económicas: por exemplo, alguns sectores da economia, como a hotelaria, restauração e agricultura, dependem muito do trabalho dos imigrantes. Mas existem igualmente benefícios para os imigrantes: incentivá-los a trabalhar pode reduzir as suas possibilidades, e das respectivas famílias, de serem sugados pelas armadilhas da pobreza e ajudá-los a construir laços sociais e comunitários.

Qual a situação dos imigrantes no mercado de trabalho? No que respeita à taxa de emprego dos imigrantes, nos anos anteriores ao início da recessão de 2008 estes registavam uma boa situação e, por vezes, melhor que a dos nacionais em cerca de metade dos 24 países sobre os quais a OCDE possui dados fiáveis. No entanto, em muitos outros países era mais provável que os nativos tivessem um emprego do que os imigrantes. (É provável que o abrandamento económico agrave ainda mais esses problemas, uma vez que quando a economia abranda os imigrantes se encontram em especial risco de perder os seus empregos.)

Mas é igualmente importante observar o tipo de trabalhos que têm os imigrantes. Muito mais do que os nativos, os imigrantes são frequentemente sobrequalificados para os seus empregos. Para tal

### Quem está a trabalhar?

#### A participação dos imigrantes e nativos na força de trabalho, 2006



existem muitas razões: é possível que os empregadores não reconheçam as qualificações estrangeiras ou sejam incapazes de determinar se as qualificações são equivalentes às nacionais. De igual forma, é possível que os imigrantes não falem a língua local de uma forma suficientemente fluente e careçam de laços com a comunidade local, o que os pode impedir de encontrarem vagas de emprego adequadas. Infelizmente, a discriminação é também um problema, ainda que actualmente na maioria dos países seja ilegal recusar a contratação de pessoas com base na sua etnia ou nacionalidade.

Sejam quais forem as razões, os imigrantes e as economias dos países em que vivem podem ambos beneficiar ao ser garantido que os imigrantes podem fazer a melhor utilização do seu capital humano. É por essa razão que, em muitos países, os governos – com vários graus de sucesso – introduziram programas e iniciativas para incentivar o emprego dos imigrantes. Incluem o fornecimento de formação linguística, estabelecendo regimes de mentorado e tomando medidas para que sejam reconhecidas as qualificações estrangeiras.

## Migração e desenvolvimento

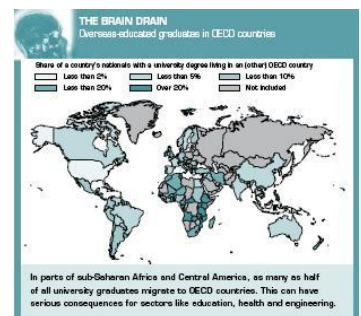
O impacto que os imigrantes têm nos países em que se instalam é amplamente focalizado. No entanto, o outro lado da moeda recebe menos atenção, nomeadamente, o impacto da emigração nos países e economias que os imigrantes deixam para trás. Para os países no mundo em vias de desenvolvimento, a imigração pode ser uma bênção e simultaneamente uma maldição: uma bênção por proporcionar remessas, contactos e experiência no estrangeiro e uma maldição por levar os mais inteligentes e os melhores.

Observando em primeiro lugar o aspecto negativo, a perda de trabalhadores altamente qualificados e profissionais – a “fuga de cérebros” – é frequentemente vista como um dos principais perigos da imigração, ainda que os riscos sejam, por vezes, distorcidos. De facto, alguns benefícios podem ser discutíveis, mais notavelmente onde se verifica o regresso da imigração e as pessoas que imigraram para o estrangeiro trazem para o país de origem novas capacidades. Não obstante, especialmente em áreas como os cuidados de saúde, a perda de pessoal com formação de países em vias de desenvolvimento é uma questão preocupante, ainda que apenas seja um dos aspectos dos problemas de cuidados de saúde que esses países enfrentam.

No que diz respeito ao aspecto positivo, as remessas podem ser uma fonte importante dos rendimentos estrangeiros para muitos países em vias de desenvolvimento. Para 2007, o Banco Mundial estimou que as remessas para os países em vias de desenvolvimento equivaliam, pelo menos, a 240 mil milhões de Dólares Americanos (mas como grande parte do dinheiro que os imigrantes mandam para o seu país circula através de canais informais, o número real foi quase certamente mais elevado). Enquanto este número parece determinado a baixar

### A fuga de cérebros

#### Licenciados no estrangeiro nos países da OCDE



como resultado do abrandamento económico mundial, é provável que as remessas continuem a ter um impacto importante nos países em vias de desenvolvimento na redução da pobreza, ainda que o seu papel na impulsão do crescimento económico seja menos definido.

Este sumário possui **StatLinks**, um serviço que fornece ficheiros Excel™ a partir da página imprimida!

**Visite o site: [www.oecd.org/insights](http://www.oecd.org/insights)**

© OECD 2009

**Este sumário não é uma tradução oficial da OCDE.**

A reprodução deste sumário é permitida desde que sejam mencionados o copyright da OCDE e o título da publicação original.

**Os sumários multilingües são traduções dos excertos da publicação original da OCDE, publicada originariamente em Inglês e Francês.**

**Encontram-se livremente disponíveis na livraria on-line da OCDE**

**[www.oecd.org/bookshop/](http://www.oecd.org/bookshop/)**

Para mais informações, entre em contato com a OECD Rights and Translation unit, Public Affairs and Communications Directorate.

[rights@oecd.org](mailto:rights@oecd.org)

Fax: +33 (0)1 45 24 99 30

OECD Rights and Translation unit (PAC)  
2 rue André-Pascal  
75116 Paris  
França

**Visite nosso sítio [www.oecd.org/rights/](http://www.oecd.org/rights/)**

